

O GÊNESIS - O BHAGAVAD GITA - A INVISIBILIDADE

Há dois livros excepcionais que atravessaram os tempos percorrendo vários milênios para chegarem até nós e fazerem luz na nossa compreensão e assim levando o Homem a pensar e a tentar deduzir da sua interpretação, com lógica e racionalidade, embora relativa é certo, sobre a natureza e a evolução dos seres.

São duas obras intemporais e inestimáveis que agradecemos aos seus autores o terem-nas trazido à humanidade. Obras que, embora envolvidas por uma neblina esotérica, dão ao estudioso das coisas do espírito elementos incomparáveis semelhantes às fortes colunas mestras de um edifício greco-romano.

A sublime canção de Krishna que é o Bhagavad Gita, criado na Índia pelos vedas há aproximadamente dois mil e quatrocentos anos antes da nossa era, (o Bhagavad Gita integra o poema épico Mahabharata que foi escrito há cerca de cinco mil anos mas o Bhagavad Gita surge, pela primeira vez, numa versão do Mahabharata datada do séc. IV a. C.), é um documento que tem orientado vários milhões de seres na absorção de regras comportamentais, na razão de ser da vida e de tudo que foi creado, enriquecendo a consciência espiritual dos povos da Ásia e agora, porque não? de todo o mundo.

Também o Génesis, que Moisés nos legou há cerca de quatro mil anos, tem sido estudado e aprofundado por seres ansiosos de perceber porque existem, de onde vieram e para onde vão.

Toda a dificuldade que a sua interpretação revela enraíza-se no facto da sua origem decorrer, talvez, da experiência da vivência de uma vidência cósmica que facultou, em termos profundos, a compreensão da origem dos mundos e dos seres, não tendo acesso a essa compreensão todos aqueles cuja alma ainda se encontra prisioneira da ilusão dos valores da vida material.

Chamaram-lhes profanos porque as suas almas ainda não eram possuidoras da sensibilidade dessa faculdade, pelo que se recorda aquela frase de Jesus quando afirma que «ao que tem será dado e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.» (Mt 25,29)

Pensamos que não se trata de lhes retirar aquilo que já alcançaram, mas sim o facto de que aquilo que têm não chegar ainda para compreender verdades profundas de maior amplitude espiritual.

O estudo e o aprofundamento das coisas do espírito leva-nos a compreender que os grandes paradoxos deste mundo encerram em si grandes verdades.

É do conhecimento geral que Moisés, em dado momento, saiu do Egipto e refugiou-se no deserto onde conheceu aquela que viria a ser sua esposa, Séfora, filha de um tal Jetro que possuía gados e dos quais ele passou a ser guardador, levando-os a pastagens nas redondezas da área onde se encontravam situados e aí permaneceu vários anos.

A mais que provável educação iniciática que terá obtido desde criança nas escolas egípcias, forneceu-lhe dados ocultos que permitiu que se desenvolvesse espiritualmente

dada a sua função de pastor de gado, com o isolamento que vivia no silencioso deserto arábico propício à meditação que, nessas condições especiais, o levou naturalmente a desenvolver profundas faculdades intelectuais e psíquicas.

Segundo alguns especialistas, também não podemos pôr de parte a hipótese de ter tido a oportunidade de haver existido contacto com o vedismo, visto existir, no Génesis, palavras de radical sânscrito – língua usada na antiga Índia.

Outra referência possível ao vedismo é a descrição que o Génesis faz das árvores do conhecimento e da vida que se encontravam no paraíso, referência essa que nos conduz para a bipolarização da vida humana.

Há mesmo quem pense que a obra que nos legou, para além de ser algo de genial do pensamento cuidadosamente treinado à análise do oculto, tem em si um sentido Védico-Hermético.

Deste modo verificamos que estes dois livros fornecem ao Homem os dados necessários para deles tirar as suas próprias conclusões sobre a sua natureza, origem, evolução e destino, bem como de toda a criação.

Por exemplo, no início do Génesis lemos que os eloim criaram o céu e a terra, mas que a terra era invisível e sem ordem.

Pensamos que a substância primordial foi criada pelo Creador a partir do seu todo, ou seja, de si próprio, na invisibilidade da Luz Divina.

Inanis et vacua, diz a Vulgata, isto é, inane e vazia mas, segundo Huberto Rohden, a tradução grega da Septuaginta diz que era aóratos, ou seja, invisível.

Esta primeira luz, enquanto a criação se encontrava potencialmente na invisibilidade, não é a luz solar, porquanto a luz solar que mais tarde apareceu surgiu apenas no 4º período da criação quando, segundo o Génesis, Deus clamou “Faça-se a Luz”.

Mas Einstein e outros cientistas dizem-nos que matéria é energia congelada, logo, a energia não é visível, o que nos leva a pensar que a Terra se encontrava em potência energética até à sua transformação em matéria densa, tornando-se visível lentamente.

No Génesis, terra invisível é sinónimo de shotos, abyssos e hidor – treva, abismo e água.

Conforme o entendemos, o texto hebraico diz que o espírito dos eloim incubava esse imenso abismo de água, quando as potências creadoras disseram “Faça-se Luz”. Então terminou a invisibilidade do planeta, como de toda a criação.

Identifica-se a água com a potencialidade do cosmos, que se actualizou em matéria, não se tratando portanto de uma água material mas de uma água energética.

Também é conhecido que o espírito de Deus pairava sobre as águas.

Por isso o “termo” de que tudo provém da água, ou seja, a vida, tem a sua origem na água-energia e não na água-matéria.

Segundo nos parece, já foi provado pela ciência que o corpo bioplasmático é água em elevado estado de sublimação.

A fotossíntese é proveniente do resultado da interacção, entre si, da luz e da água.

Tudo se encontrava no seio do Creador, numa incubação potencialmente abismal entre as profundidades da água energética e o poder do espírito, à espera do momento do “Haja Luz”.

Temos aquele dito de Jesus à samaritana: «Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.» (Jo 4,10)

E também aquela conversa entre Jesus e Nicodemos em João 3,5: «Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino dos céus.»

Deste modo, pensamos que tudo vem do centro para a periferia em estado primário e tudo regressa ao centro em estado sublimado.

Em qualquer destes dois livros se verifica que tudo é realizável e que o Homem faz parte dessa realização. Que, ainda não realizado, o apresentam em acérrima luta entre o potencial do passado e do presente e o caminho do futuro. Eis pois os desígnios evolutivos.

Todo o conhecimento tem sido franqueado ao Homem através de símbolos, estatuária, histórias mirabolantes e cheias de encanto e expressões artísticas que escondem, em si mesmas, verdades fundamentais para se conhecer a razão de ser da vida infinita.

A história que nos é contada do Homem do Génesis, o Adam, tem por objectivo cientificar-nos do advento do ser humano ainda em estado de inconsciência pela sua condição de simplicidade e ignorância que, impulsionadas pelos factores instintivos, o vão levando à consciência de existência.

Essa consciência de existência, pela necessidade da sua subsistência e da compreensão de tudo o que o rodeia, vai-lhe formando o sentimento da personalidade, ou seja, do seu eu inferior representado pelo ego físico, mental e emocional que o leva, simbolicamente, a ser expulso do paraíso.

No Bhagavad Gita aparece a epopeia desse homem chamado Arjuna que, numa batalha em que enfrenta os seus inimigos que são os componentes do seu ego físico, mental e emocional representados pelos seus familiares mais próximos, se vê frente a frente consigo mesmo, ou seja, ele encarna o Homem potencialmente realizável mas ainda não realizado.

Esta é a primeira batalha do Homem potencialmente realizável para encetar a luta pelo seu crescimento, a fim de ascender à realização de si mesmo, através da inteligência e do livre arbítrio que o Creador lhe facultou.

Aparentemente, a partir daqui, ele está entregue a si mesmo para decidir, por conta própria, dos rumos de vida e de aprendizagem da sua realização.

Deste modo, no Bhagavad Gita, “Arjuna” representa o ser potencialmente realizável que dá lugar ao ego físico, mental e emocional, “o eu inferior”, a chamada personalidade.

Esta simbologia que nos é contada encerra em si outro símbolo da verdade eterna que se manifesta como o ser chamado Krishna, que representa “o eu superior”, a centelha Divina no Homem.

Ambos contidos no mesmo homem, entram em diálogo perante a batalha que se aproxima, que mais não é do que a batalha entre o eu superior e o eu inferior.

O eu superior tem em si os valores Divinos e o eu inferior é senhor de todas as negatividades que o Homem adquiriu durante os seus estágios nos mundos da forma material.

Nesta história, o eu superior está representado pelo Espírito Divino no Homem – Krishna – e o eu inferior está representado pelo próprio homem – Arjuna – que era um príncipe real que seria despojado do seu trono pelos seus inimigos se fosse derrotado nessa batalha, dando lugar a um diálogo fascinante entre os dois.

O eu Divino tinha sido suplantado, aparentemente, pelo ego humano.

Os inimigos que o despojariam do seu reino eram pois as inferioridades que ele acolheu perante as solicitações do mundo e que nada mais representavam do que a sua própria família – pai, mãe, irmãos, etc. – que o tinham dominado e que, por isso, faziam parte de si mesmo.

Arjuna tinha problemas de consciência pois todas aquelas inferioridades eram-lhe tão próximas e faziam parte de si. Como combatê-las e derrotá-las se as amava?

Neste contexto fazia-se mister que o Homem encetasse a luta para não vir a perder o trono do qual era rei: a sua proveniência do reino espiritual.

Jesus diria: «A minha realeza não é deste mundo.» (Jo 18,36).

A batalha de Arjuna e a expulsão de Adão e Eva do paraíso tomam a forma simbólica de um mesmo sentido: o despojamento de toda a materialidade da alma humana.

O eu inferior, para se furtar à luta de libertação, prende nas malhas dos vícios e dos prazeres a alma humana que continua comodamente na escravidão tradicional, enquanto Krishna exige que o eu realizável empunhe todas as armas ao seu dispor para sair vitorioso da batalha sobre o ego humano, transformando-o e integrando-o no seu eu superior, a sua realidade.

Deste modo, no Génesis, a árvore da vida devia prevalecer sobre a árvore do bem e do mal que representa, simbolicamente, o conhecimento, o ego humano dividindo-se entre o vício e a virtude.

O eu superior do Homem conseguirá, no futuro, como resultado da evolução do ser, ultrapassar toda a inferioridade material da personalidade erguendo inevitavelmente a alma humana à culminância do eu da sabedoria Divina – virgem na sua pureza.

Nestes dois livros também é apresentada, como símbolo, uma serpente.

No Génesis, a serpente representa a inteligência que leva Adão e Eva, através do intelecto, a tomar conhecimento do bem e do mal, ou seja, a passar da inconsciência para a consciência de tudo aquilo que os rodeia, no princípio mais a nível exterior do que interior.

Por isso se disse que foram expulsos do paraíso onde nada lhes faltava, naturalmente, para terem que subsistir por si próprios.

O instinto animal tinha dado lugar ao ser provido de liberdade de opção direccionada pela inteligência.

E não tardou que essa condição os levasse ao desejo de todas as coisas que lhes davam prazer e predominância, levando-os a tomar todo o tipo de decisões que favorecessem os seus desejos.

É aqui que começou a tomar forma o egoísmo, o orgulho, a violência e todas as acções negativas que conhecemos e que resultam em tanta dor e sofrimento.

Assim apareceu o mal – negativo – para complementar o bem – positivo – e o Homem, vivendo-os, os vai conhecendo e através desse conhecimento os vai preferindo conforme os seus desejos.

Desconhecia ainda nessa altura que a criação continha uma lei – a Lei de Causa e Efeito – que tem como consequência a Lei da Reencarnação.

Deste modo se processa a evolução, vivenciando-se em muitas vidas aquilo a que chamamos de bem e de mal. Vamos adquirindo o que representam e é por esse conhecimento que nos vamos transformando de modo a que a nossa alma, que foi creada simples e ignorante, alcance a simplicidade sábia.

A simplicidade sábia é alcançada através de trajectos de ascensão de consciência que passam da inconsciência à consciência, sobem à super-consciência e têm a sua realização na supra-consciência.

Temos que ter em conta que o ser se movimenta no mundo em conformidade com o seu estado evolutivo que mais não é que o estado de conhecimento moral e material que no momento possui e que está em relação com o seu estado consciencial.

No Bhagavad Gita a serpente move-se em estágios de evolução. É-lhe dado o nome de “Kundalini” e expressa-se como fonte de energia.

É a serpente da vitalidade que, partindo da inconsciência, se estenderá até à subconsciência atingindo depois, através da evolução, a consciência, ascendendo à super-consciência e realizando-se na supra-consciência, tal como no Génesis.

Ela encontra-se em estado simbólico de adormecimento, enroscada no chakra básico e vai acordando e desenrolando-se quando atinge o estado de semi-consciência por efeito evolutivo do ser.

Em consonância com a evolução do ser, a kundalini elevar-se-á no percurso ascensional através da coluna vertebral, tendo como permanência existencial os chakras em conformidade exacta com a consciencialização adquirida no processo evolutivo do Homem.

[A palavra “chakra” vem do sânscrito e significa "roda", "disco", "centro" ou "plexo". São percebidos pelos videntes como vórtices (redemoinhos) de energia vital, espirais girando em alta velocidade, vibrando em pontos vitais do nosso corpo e, através deles, o nosso corpo etérico manifesta-se mais intensamente no corpo físico. Na cultura ocidental, usa-se também o termo “Centros de Força” que corresponde exactamente ao termo “chakra].

Por conseguinte, ela, como energia que na realidade é, funcionará e permanecerá gradualmente em cada um dos chakras de acordo com a capacidade evolutiva do Homem.

Seguirá chakra a chakra até à supra consciência do ser culminando esse trajecto na efectivação da realização do Homem como Ser, filho de Deus.

A kundalini, sendo uma energia, percorrerá todos os chakras em termos ascensionais e, passando pela hipófise, dará a volta pelo coronário atingindo a pineal onde completará, no seu trajecto, um 8 o que significa o Ser completo.

O chamar ao Homem “iluminado” tem um certo sentido visto que no culminar da viagem ascensional da energia kundalínica se produz a iluminação da alma humana.

O Bhagavad Gita e o Génesis descrevem essa luta de aperfeiçoamento do Homem esotericamente, ou seja, através de histórias que simbolizam a evolução da criação.

Existe em termos simbólicos e comparativos, no Oriente, uma imagem do processo existencial de como se pode apreender o surgimento da criação.

Imaginemos uma aranha que descortinamos num ângulo do tecto de um quarto de dormir. Ela apenas apareceu ali naquele momento, sem sabermos de onde veio.

Observando, com paciência, aquele aracnídeo verificamos que a dado momento começa a aparecer uma teia bem entrelaçada que vai aumentando de espaço.

Ora a aranha estava só quando trepou ao canto do tecto do quarto, mas nela existia todo o material para que pudesse construir a teia.

Assim se observa que a aranha de si mesma produziu o material do qual criou a teia.

Com esta exemplificação querem dizer-nos que toda a criação existia já em potência no absoluto que é Deus e Ele apenas pôs em movimento a substância primordial por si creada através dos seus poderes Divinos.

A soma de tudo quanto foi creado não é Deus, porque Deus é imanente e transcendente e, sendo assim, Deus está para além da sua criação.

Deus encontra-se imanentemente em tudo quanto creou e tudo quanto foi creado está em Deus, mas a criação não é Deus e Deus não é a criação, porque para a ter feito teria que existir antes dela.

Entre o campo de batalha do Bhagavad Gita e a tentação do Éden existe grande similaridade porque, em qualquer deles, o Homem se encontra nos diversos estágios evolutivos regidos pela abrangência gradual da consciência.

Tudo está escrito em termos simbólicos e o que nos parece ser antíteses, dados antagónicos, revelam-se mais tarde como comprovações da mesma realidade.

Na nossa relativa compreensão parece-nos que o conhecimento não é apenas de hoje mas de sempre, porque sempre existiu. Basta olhar para as revelações trazidas por Lao Tsé, pelos Egípcios, por Buda, por Jesus e tantos outros.

Torna-se evidente que estamos todos dissertando sobre a mesma sabedoria, embora com interpretações e análises próprias, com outras formas de as apresentar e palavras diferentes de povos de diversas culturas e origens geográficas.

Pensamos que Deus, sendo absoluto, não teve necessidade de criar seres para o ajudarem na sua criação e que, portanto, as potências creadoras, os eloim, mais não são do que os poderes creativos do próprio Senhor do cosmos, Deus.

Os seres creados apenas participam na conclusão das leis cósmicas inseridas intrinsecamente na própria criação de que fazem parte, levando-nos a concluir que a criação se resolve em si mesma.

Cada ser humano possui em si mesmo todos os atributos para alcançar o objectivo para que foi creado pois o Creador apenas o creou até certo estado básico, deixando para ele a responsabilidade da gloriosa capacidade de se acabar de crear.

E quando chega aquele momento em que a nossa alma se une ao Espírito Divino em plenitude e sente que são Um sem perder a sua individualidade, entrou em realidade, em sua glória.

Em João 7,39 está escrito: “E isto disse Ele [Jesus] do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado “.

28-06-1983 Abrame